

SENSIBILIDADE, VULNERABILIDADE E FRAGILIDADE NO PROCESSO ANALÍTICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE SIMETRIA E INTERPRETAÇÃO NA OBRA DE BION¹

| ARNALDO CHUSTER²

RESUMO

O autor partindo dos textos de Bion, *The grid and caesura* (1977) e *Como tornar proveitoso um mau negócio* (1979), desenvolve o tema da interação entre os termos: vulnerabilidade, sensibilidade e fragilidade e sua exteriorização na linguagem do mito de Édipo. Também procura mostrar a importância do conceito de simetria, presente nestes artigos, na interpretação desta interação e sua importância na prática analítica como método.

Palavras-chave: Mito de Édipo; Simetria; Bion; Interpretação analítica; Complexidade

ABSTRACT

The author starting from Bion's articles, *The Grid and Caesura*(1977) and *Making the Best of a Bad Job*(1979), develops some reflections on the interactions between the states of vulnerability, sensitiveness and frailty in the analytic process, pointing out their appearance in the language of Oedipus myth. Also tries to demonstrate the importance of the concept of symmetry present in those articles in the interpretations of those interactions and their importance in psychoanalytic practice.

Keywords: Oedipus myth; Symmetry; W. R. Bion; Psychoanalytic interpretations; Complexity theory

1 Trabalho apresentado na X Jornada de Psicanálise: Bion 2017.

2 Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Training and Teaching Analyst at The Newport Institute of Psychoanalysis (Irvine, Califórnia) e membro honorário do Instituto W. Bion (Porto Alegre). Coordenador de grupos de estudo sobre a obra de Bion no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, Ribeirão Preto, São Paulo, Goiânia e Fortaleza.

The road not taken

Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;

Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,

And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way,
I doubted if I should ever come back.

I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.

Robert Frost

BUSCANDO CAMINHOS

Meus referenciais neste ensaio vieram dos trabalhos de Bion: *Como tirar proveito de um mau negócio* (1979), *The grid and caesura* (1977), e da poesia *The road not taken*, de Robert Frost (1920).

Vou começar pela poesia. O autor, de difícil tradução para outras línguas, não é habitualmente conhecido dos leitores brasileiros. Todavia, ele é bem popular para o público norte-americano, notadamente nos Estados Unidos.

Robert Frost ficou muito conhecido por ser o poeta preferido de John Kennedy - que por ocasião de sua posse como presidente dos Estados Unidos - o convidou para dizer algumas palavras. Frost, com 86 anos, aceitou e escreveu um poema para aquele momento: *The gift outright*³. Entretanto, no momento que foi chamado para falar, Frost procurou no bolso do paletó o papel onde havia escrito o poema e não o encontrou⁴. Como ainda não tinha decorado o novo poema, ele não titubeou e recitou *The road not taken* (1920), que escrevera havia 40 anos.

A tradução a seguir é de minha autoria. Não sendo tradutor, peço desculpas por não ser capaz de transmitir toda a riqueza linguística do poema. Mas espero que algo da essência por mim sentida seja veiculada.

Num bosque em pleno outono, a estrada bifurcou-se
Lamentei não poder pelos dois caminhos optar
Mas sendo um caminhante experimentado me detive a observar
Assim percebi que ambos numa curva sumiam da vista.
Então um deles escolhi afinal
Que tinha um atrativo especial,
O chão tinha relva e muitas folhas.
E embora os caminhos tivessem o mesmo destino,
Naquela manhã tomei o coberto de folhas não enegrecidas,
Indicando que poucos caminhantes tinham ali pisado.

3 Neste poema, existe uma frase que eu considero muito significativa e psicanalítica: "Algo que ocultávamos nos tornava frágeis. Até descobrirmos que esse algo era nós mesmos".

4 Há outra versão que conta ter tido Frost a vista ofuscada pelos raios de sol.

Eu deixei o caminho não escolhido para outro dia
E sabedor que um caminho outro caminho gera
Duvidei que um dia naquele ponto voltaria
Nem cogito que no futuro vou me arrepender
Ou que em algum lugar daqui a muitos anos vou suspirar com pesar
Os caminhos de outono se bifurcaram no bosque,
Mas eu estava livre e tomei o menos trilhado,
E isso fez toda a diferença.

O crítico literário David Orr (2016) avisa que este é o poema que todo mundo adora, mas quase todo mundo entende de forma errada. Mas quem garante que o crítico esteja certo? Ele critica, sobretudo, quem tem a visão do poema como sendo um hino ao triunfo da individualidade, do empreendimento, e da autonomia.

Frost entende que toda decisão tem sempre dois caminhos, ou dois aspectos inseparáveis: não existe sucesso sem fracasso; conhecimento sem ignorância; simplicidade sem complexidade. Se formos bem-sucedidos numa decisão, a satisfação pode vir acompanhada do pesar pelo que também deixou de acontecer.

O escritor francês André Gide (1985) dizia que o desagradável na vida é ter que escolher uma coisa, e por isso deixar de escolher muitas outras. Pode ser. Mas acho mais significativo, ao escolher um caminho, me dedicar a apreciar seus mistérios e belezas, que serão os aspectos que posso realmente ver. A estrada não escolhida é a que ficou para trás, depois que optamos pela estrada que até então era a não escolhida.

O poema é uma história sobre as histórias que contamos sobre nós mesmos e o nosso mundo - histórias cheias de dúvidas e possibilidades de escolha, que, tomadas em conjunto, determinam como nós vemos as nossas vidas e o que pensamos sobre nosso passado.

Trata-se de um poema sobre concepções, conceitos, e certamente sobre pré-concepções. É um poema sobre a *Teoria do pensar* e sobre a complexidade que lhe é inerente.

A história do poema parece simples. Alguém chega em uma encruzilhada, num momento de outono, e tem que escolher um caminho entre dois possíveis. Eles, curiosamente, levam ao mesmo destino. Aí surge a complexidade: por que escolher se eles levam ao mesmo destino? E por que Frost fala de outono e não de outra estação do ano?

Podemos fazer um exercício de imaginação análogo ao que se faz na psicanálise. Penso que existem outonos na vida, e que isso significa um momento em que as coisas não estão mais quentes nem floridas, mas também não estão muito frias. Há uma espécie de humor outonal; não chega a ser triste, tem belezas fortes como nas outras estações, às vezes é monótono, às vezes é inspirador. A paisagem é misteriosa, traz recordações, mas a vida tem que continuar. Nesse contexto, o caminhante escolheu o caminho menos trilhado, e que pode ter sido o mais árduo. Passados os anos, ele não se arrepende de sua escolha, pois descobre que isso fez toda a diferença.

Frost, deliberadamente, escolheu a palavra estrada⁵, que, ao contrário de um caminho, necessariamente é feita pelo homem. Uma estrada é a expressão de uma vontade que só pode ocorrer nas fronteiras de outro ato semelhante – uma forma de olhar o mundo que simultaneamente fortalece e resalta a escolha pessoal, a singularidade, a *autonomia social*. De um lado, temos a vontade; de outro, o que ela permite realizar.

Nessa linha, a escolha tem a ver com um *ato de Fé* (Bion, 1970). Neste, a essência não é a verdade em si, mas o fato de desejá-la mesmo sabendo de sua incerteza. O resultado do ato é a criação. O ato de Fé difere do “estado mental” de Fé, que está restrito à religião, portanto, coincidindo com a crença e a certeza. O fiel possui uma “vontade que adoeceu” ele já conhece a verdade.

O importante é que não estamos meramente decidindo ir para a direita ou para a esquerda. Ao fazermos uma escolha, estamos nos transformando. Nessa questão é que se encaixa o título geral do meu trabalho: *Sensibilidade, vulnerabilidade e*

⁵ *Road* vem do grego Rhodos.

fragilidade no processo analítico. São elementos fundamentais de uma escolha. Pode ser a escolha de fazer análise, aceitar um paciente, dar interpretações e fazer intervenções no campo analítico. Pode ser também a escolha do que estudar, investigar, admirar ou recusar. Fala da minha escolha pela obra de Bion e de como ela, para mim, fez e faz toda a diferença.

SENSIBILIDADE, VULNERABILIDADE E FRAGILIDADE NO PROCESSO ANALÍTICO

Acredito que todos sabem que a *sensibilidade* é a condição do trabalho analítico e depende de um *método* escolhido. A *vulnerabilidade* e a *fragilidade* não são tão facilmente definíveis. Vulnerável poderia significar ser atingido pelo Outro e não se quebrar, mas fugir. Frágil é o que, atingido pelo Outro, pode se quebrar, desmoronar, entrar em colapso. Trata-se de uma encruzilhada com três possibilidades: *break up*, *breakdown* ou *breakthrough* (rompimento, colapso, elaboração).

Método (*μέθοδος*), em grego, significa estar no encalço de algo por um caminho. À medida que caminho, me deparo com coisas que se mostram: são as concepções e conceitos que constituem o caminho escolhido. Todavia, o que se mostra depende da visão de quem observa. Neste ponto, faz uma diferença importante se a minha sensibilidade me deixa vulnerável à recepção do que percebo ou se expõe uma fragilidade que leva à rejeição ou à expulsão do percebido. Existe uma multiplicidade de significados para o que estou considerando. A *sensibilidade* regula a *vulnerabilidade*, que me aproxima da *fragilidade*. Mas a sensibilidade disciplinada, embora não elimine o medo do desconhecido, dá coragem e paciência para prosseguir. Trata-se da *capacidade negativa* (Bion, citando Keats, 1970). A capacidade de tolerar as incertezas, os mistérios, as meias-verdades sem ficar ansiosamente tentando compreender e chegar ao significado.

Qual método devo escolher que me torne mais apto para o processo analítico? Eu posso dizer “o método que escolho é o mesmo de Bion ou de Freud”, mas isso não é inteiramente verdadeiro. Posso produzir dois lápis totalmente iguais, mas como eles jamais poderão ocupar o mesmo lugar, ao mesmo tempo, jamais serão os mesmos lápis. *Espaço e tempo* são princípios de individuação e singularidade.

Nessa relação existe uma *negociação* entre o *conceito* proveniente da minha singularidade e como posso nele inserir uma-visão-interna-de (*in-tui-tus*). Assim, a pergunta que me faço é: Estaria minha escolha conceitual revelando minha *in-tui-tus* (intuição) no ponto de partida do caminho, ou da sessão, ou do dia que começa⁶?

A negociação entre conceito e intuição traz problemas que estimulam tentativas de resolução, estas tentativas são análogas àquelas do *mito edípico*, a matriz de todos os problemas.

O mito de Édipo manifesta, ao mesmo tempo, tentativas de resolver conflitos e uma expressão de conflitos. E não poderia ser diferente, pois o ser humano é, naturalmente, um ser edípico. Ser humano é possuir uma mente tridimensional, viver em espaço, tempo e profundidade, elementos que podem se articular de infinitas maneiras. Existe uma forma distinta de articulação destas três dimensões para cada um de nós. Por isso, no encontro com o Outro surge a *tempestade emocional*.

Diz Bion (1992, p.283) que a *causa* de uma tempestade emocional, como qualquer *causa*, é equiparável ao *fato selecionado*, por serem ambas ideias capazes de provocar, numa experiência emocional, uma síntese criativa de objetos separados e ainda não sintetizados.

Toda *experiência emocional* de obtenção de conhecimento é simultânea e *simétrica* a uma experiência de ignorância não esclarecida. Portanto, enfatizando a mensagem do poema, êxito torna-se inseparável de fracasso para sintetizar os objetos separados, e o fracasso é inseparável das partículas elementares não englobadas pelo sucesso.

⁶ Posso dizer "*carpe caminnus*" ou "*carpe sessione*", parodiando a ode de Horácio: *carpe diem*? Isso depende do que William Blake descreveu no poema "Milton": "Há um momento do dia que Satã não pode encontrar, e nem o seu mais laborioso demônio. Se consigo encontrar esse momento ele se espalha e ilumina o dia".

Um predomínio das forças de vida acarreta uma contínua repetição da experiência de integração ou síntese: êxito>fracasso. Um predomínio das forças de morte repudia a vida, idealizando e libidinizando a não síntese: fracasso>êxito.

No mito de Édipo, o suicídio da Esfinge é um relato verbal das soluções pictóricas (imagens visuais) de um problema: uma das soluções é a morte; a outra, o retorno ao útero materno. Ambas as soluções destinam-se à evasão da experiência emocional da causa ou do fato selecionado, isto é, uma evasão da negociação entre as posições EP<->D.

A situação do poema onde as estradas se bifurcam pode representar a situação da *encruzilhada* no mito edípico. Uma das soluções visíveis foram as mortes de Laio e Polifonte. A hostilidade e a rivalidade predominaram sobre as possibilidades de negociação entre as posições. Também faltou a prudência na ação que fez predominar a imposição de um conceito. Édipo tenta impor a Laio seu conceito (sou mais jovem e mais forte, portanto tenho o direito de passagem), e Laio tenta impor o seu (sou mais velho e mais rico, portanto tenho o direito).

O conceito de Édipo predomina com a morte de Laio, mas as consequências dessa solução são desastrosas. Uma delas é o aparecimento da arrogante Esfinge, que toma o controle dos caminhos e desafia os caminhantes com uma pergunta - que ela não podia admitir que fosse respondida. Os jovens de Tebas tornam-se como os escravos acorrentados ao não saber. Édipo os liberta respondendo à pergunta, mas os problemas não param. A solução gerou mais problemas, um deles o casamento.

Vou tentar, agora, colocar as questões descritas dentro da perspectiva do conceito de *simetria* na construção de linguagem interpretativa. Em breves palavras, o inconsciente possui uma lógica simétrica (Matte-Blanco) e, portanto, para que possamos estabelecer uma negociação analítica precisamos do uso de uma *linguagem simétrica* que tenha afinidade e traduza a tempestade emocional em curso. Há aqui uma multiplicidade de significados.

SIMETRIA E INTERPRETAÇÃO

Simetria é um *conceito não linear* que dá forma a muitos modelos matemáticos e físicos. Ele cria uma *interpretação* da realidade que sempre está conectada ao *infinito*. Por outro lado, o conceito vai além da matemática; trata-se de um princípio do *pensamento complexo* e, como tal, implica enfrentar paradoxos e contradições, encarar problemas insolúveis, alcançar os limites do conhecimento, pelo tempo que for necessário, para que novas variáveis surjam e criem novos espaços para pensar. Trata-se de um modelo a serviço da sensibilidade do analista para perceber elementos de psicanálise usando seu vértice particular.

Se aplicarmos esse modelo ao uso da linguagem, veremos que a *palavra* pode ser limitada e *finita* pelas letras e regras gramaticais, mas a realidade para a qual ela se abre pode ser reconhecida como uma *realidade infinita*⁷. Na poesia e na literatura, esse aspecto é facilmente visível e observável. Alguns autores possuem o dom de associar certas palavras que dão um aspecto totalmente inusitado ao sentido comum, previamente existente. Existe, portanto, *criação*.

Muitas vezes, uma criação ocorre onde menos se espera. Mais ainda, indica o fato de que é necessário algo proveniente da *arte* para que um *pensamento* faça a conexão com o *não pensamento*. Sem essa visão *estética*, fica difícil acompanhar o processo criativo que caracteriza a psicanálise. Freud realizou isso muitas vezes com *imagens* tiradas dos mitos e da literatura. As imagens por ele utilizadas provam que existe *sentido* no que parece não ter, que existe algo enigmático no que parece evidente, e que existe uma profundidade de pensamento no que parece ser apenas um lugar-comum.

⁷ Guimarães Rosa: “Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isso significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra, o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito”.

A psicanálise é um campo específico; lida com a *dor psíquica*, por isso precisa de uma *ética* de pensamento para acolher a visão *estética* (sentimentos). Sem essa *ética*, a prática fica à deriva de hábitos e crenças. Podemos resumi-la da seguinte forma: na prática, uma *intervenção analítica* precisa ser sensível e capaz de abrir um mundo novo, não saturado com sentidos comuns. Ela precisa revelar um mundo além da gramática e da combinação de letras. Trata-se de um mundo que reflete a *simetria finito/infinito*. Bion (1977) sugeriu que, para nossa conveniência, podemos usá-la no lugar de *consciente/inconsciente*.

Em sua discussão do conceito de simetria, Bion (1977) reflete sobre o termo *construção* usado por Freud (1927). Ele chama atenção para o fato de Freud ter considerado que o termo parece mais oportuno do que *interpretação*. Todavia, Bion (1977) considera muito difícil concordar com isso, pois as interpretações não podem ser feitas sem construções prévias. E essas construções são instrumentos essenciais para trabalhar com as *simetrias*.

Bion propõe, como na arte, que um componente essencial deste instrumento é a *imagem visual*. Ou seja, depende da intuição e da imaginação do analista. Ele a coloca na categoria *elementos C* da Grade. Os *elementos C* (mitos, sonhos, pensamentos oníricos) são sempre espectrais e complementares. Sem eles, não há processo psicanalítico. Além disso, os *elementos C* que geram a construção são *polivalentes* – ao contrário da interpretação, que é *monovalente* – e mais rápido do que as formulações *F* (conceitos) ou *G* (sistema científico dedutivo), embora possam não ser mais rápidos do que as formulações *H* (cálculo algébrico). Todavia, essas últimas (*G* e *H*) ainda não foram descobertas em psicanálise.

A questão da simetria tem muitas consequências práticas. Bion (1977) destaca as situações nas quais o analista tem que lidar com *material primitivo*. Geralmente, esse material expõe tanto a fragilidade como a vulnerabilidade do paciente perante seu mundo interno e externo. Mas, também, a do analista. Por isso, uma negociação inadequada entre as partes pode levar a uma perda da sensibilidade.

Bion (1977) diz que o analisando que funciona num *nível primitivo* se aproxima de uma espécie de princípio do *agir primeiro e pensar depois*. Geralmente, um

analisando como esse age em relação ao analista como se tivesse um inconsciente muito ativo, rápido e flexível, e que está sendo perseguido por um consciente pesado, lento e rígido, como na *analogia* de um elefante tentando perseguir um tigre.

A *analogia* permite desenvolver uma estratégia para a observação do material. Todavia, o elefante não é simétrico ao tigre. São, em termos de lógica, elementos assimétricos ou conscientes. Assim, a *analogia* precisa ser tomada de forma mais apurada, apesar de seu uso muito comum em psicanálise. Precisamos expandir o termo com prudência, pois uma *analogia* pode ser usada sem critério. Por exemplo, o critério, destaca um *continente* que é ao mesmo tempo um disfarce e uma revelação do *conteúdo*. Se a relação que pretende mostrar não se revela, a analogia torna-se apenas uma metáfora silenciosa. Mas quando revela algo, pode ser bastante eloquente.

Na prática, uma palavra ou uma metáfora poder ser tão usada na linguagem coloquial que acaba perdendo a vitalidade e agonizando. Mas, Bion (citando Fowler)⁸, diz que ela pode ser ressuscitada pela justaposição de outra metáfora, cuja inadequação e não homogeneidade funciona como um desfibrilador, fazendo-a pulsar novamente⁹.

James Joyce também tem um termo bastante ilustrativo. Ele fala de usar *idées mères* (citado por Bion, 1981, *Uma chave para a memória do futuro*), que são ideias, perguntas ou respostas que causam reações criativas de abertura de sentido. Obviamente, novos sentidos geram novos problemas. Mas o importante é tratar-se de um oxigenador de pensamentos que, entretanto, pode também gerar reações contrárias de fechamento de sentido. A decisão é entre ficar bem acordado

8 Roger Fowler (1939-1999) foi professor de Crítica Literária na Universidade de East Anglia. Ele discutiu as técnicas literárias relevantes para se criar uma ficção. A construção analítica é uma espécie de ficção que requer essas técnicas de criação usando metáforas e analogias.

9 Por exemplo, a palavra “elemento”, isoladamente, pode significar muita coisa, e por isso não desperta muita atenção. Porém, se a associarmos à letra grega β, temos uma associação inadequada e não homogênea, despertando a curiosidade. Mais ainda, mesmo depois de explicada, continuará trazendo a sensação de que algo está faltando ao entendimento completo.

e habilitado cientificamente ou poder sonhar acordado e usar a imaginação, produzindo *pensamentos selvagens*. Pode ser também uma decisão entre trilhar estradas novas, ou se refugiar no sono, na surdez, na cegueira ou na mudez sobre o universo ao redor.

Em todas essas situações, como no poema de Frost, estamos diante de uma *encruzilhada de desenvolvimento*. Ela pode surgir colocando a escolha entre o pensamento que decide privilegiar as imagens usadas na analogia, e a escolha de privilegiar a *relação* entre elas. O importante não é o tigre e o elefante, mas a *relação* entre eles. Quando vamos examinar a relação, diversas possibilidades se abrem, pois não existe apenas uma interpretação. Se por acaso nos ocorre apenas uma solitária interpretação, algo está mal direcionado. Um momento de decisão – *sine qua non* – precisa fazer parte do caminho que pretende trilhar pela floresta do inconsciente.

Vaihinger¹⁰ estudou a relação “como se” implícita no uso da metáfora e da analogia dentro da filosofia. Freud falou dessa contribuição em *O futuro de uma ilusão* (1927)¹¹.

Bion (1977) considera que, a partir desse ensaio, existem considerações importantes a serem desenvolvidas. Propõe pensar que *se a construção é a arma polivalente da*

10 Hans Vaihinger (1852-1933) foi filósofo alemão, acadêmico de Kant e autor da obra *Die Philosophie des Als Ob* (1911). Nesta obra, a filosofia do “como se” é apresentada como um sistema de ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, com base no positivismo idealista: “Nós nos comportamos como se o mundo correspondesse aos nossos modelos” (1911). Isso fornece a aceitação de ficções falsas para justificar uma solução não racional e pragmática para problemas que não têm respostas racionais.

11 Neste trabalho, Freud propõe a questão: qual o futuro da humanidade? O ensaio indaga se a cultura humana repousa precariamente sobre a repressão de impulsos anti-sociais naturais a todos, e se a religião é a principal força a controlar estes impulsos, o que nos leva a outra pergunta: qual a origem psicológica da necessidade do sentimento religioso no indivíduo? O que, em cada pessoa, a torna propensa a crer num sistema irracional, indemonstrável e de recusa da realidade? Freud demonstra que a religião (“a neurose obsessiva universal da humanidade”) depende de sentimentos infantis não resolvidos, e afirma ser ela – bem como seus dogmas – a culpada pela atrofia intelectual da maior parte dos seres humanos. Para Freud, a fim de o homem se organizar razoável e saudavelmente sobre a Terra, livre de ilusões, urge uma mudança radical nas formas de educação – a qual ele defende magistralmente neste texto breve, mas impactante, tanto hoje quanto na época de sua publicação. A religião é uma metáfora morta. A palavra indica religar objetos, mas privilegia apenas uma das ancoras da metáfora.

simetria, temos que considerar o *futuro de uma analogia* na análise, pois, sendo destinada a fazer uma observação da transferência, pode – caso seja inadequada – ser a criação do futuro de uma ilusão. Assim, sugere que temos que cuidar mais amplamente do “futuro da transferência”, pois esse futuro será a consequência das *transformações de uma construção estética* que foi feita para o paciente com intuito de estabelecer um vínculo não só com o analista, mas do indivíduo com seu inconsciente.

Para lidar com isso, penso que uma das virtudes da obra de Bion foi ter criado um *sistema aberto*, que se expressa pelo *modelo espectral*, presente em diversos trechos de sua obra. Ele segue o princípio da *complexidade* dos fenômenos psíquicos, e naturalmente lida com *funções*. A base *matemática*¹² desse modelo pode ser encontrada no cálculo infinitesimal¹³. Portanto, trata-se de um modelo de *transformações*.

Utilizar o modelo de *funções* equivale, em psicanálise, a estudar a relação entre analista e analisando pelo vértice *invariantes/variáveis*. Esses elementos são integrados através de *simetria*. Para tal, podemos criar uma *construção* que facilite a integração. Quanto mais variáveis obtivermos, maiores serão as possibilidades de integração, ou, quanto mais usarmos os *elementos C*, maior será a base da simetria.

Por outro lado, o paciente que tem uma predominância da *parte psicótica* tende a gerar uma *grade negativa* maior e mais consistente do que o aspecto da sua personalidade que acolhe a simetria da construção feita com intuito de desenvolver o *vínculo K*.

Na prática, isso significa que o analista, caso ele diga algo, ou nada diga, torna-se alvo das queixas do paciente. Essas queixas podem ser de diversos tipos.

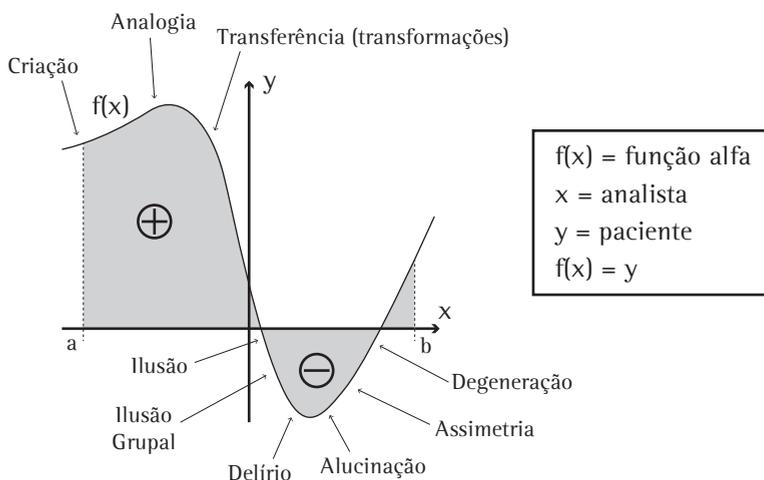
12 A matemática, em Bion, sempre significa a perspectiva epistemológica dos princípios empregados no campo (Teoria do Pensar).

13 Ou seja, ocorrendo uma variável Y , que é função de outra variável X , podemos estudar essa relação em dois momentos: uma *etapa diferencial*, onde se descobre a variação infinitesimal dX de X e a variação infinitesimal dY de Y ; e uma *etapa integral*, obtendo a expressão $Y=F(X)$ a partir da relação dX e dY . O sucesso dessa estratégia depende de como dX e dY são versões infinitesimais de X e Y . Na busca da expressão de dY em termos de dX , podemos desprezar infinitésimos de ordem superior.

Elas podem ser silenciosas ou explícitas; suaves ou intensas. Podemos detectá-las pelos processos descritos pela teoria das transformações de Bion (1965). As queixas suaves possibilitam discussão e conhecimento (transformação em K), mas as que provêm da parte negativa do espectro podem se transformar em críticas familiares e redundantes (transformação em moção rígida); em críticas ressentidas e dissimuladas (transformação projetiva); ou em críticas depreciativas e reivindicativas (transformações em alucinação, Bion, 1965).

Bion (1977) sugere também o seguinte espectro de possibilidades na simetria criação e degeneração: *criação->analogia->transferência->ilusão->ilusão grupal->delírio->alucinação->assimetria->degeneração*.

Podemos imaginar esse espectro criando um gráfico visual¹⁴ de funções. Nesse gráfico, a *letra Y* representa o paciente. Também pode ser a representação de parte de uma *função* dentro de um campo específico. $F(x)$ seria a representação da *Função alfa* do analista. Ela precisa adequar-se ao paciente estabelecendo $F(x) = Y$. Ou seja, ambos participam da construção dessa função.



14 Note-se que não se trata, aqui, de matemática, mas do uso de um *modelo visual* com o intuito de promover a discussão e a imaginação sobre simetria, funções analíticas, criatividade, negatividade e destrutividade inevitável decorrente da parte psicótica da personalidade.

Como observadores, podemos estabelecer um ponto arbitrário (Princípio de Incerteza), onde começa a transformação: $a - (Ta)$. O trajeto vai até o ponto $b (T\beta)$, onde a transformação termina. Nesse trajeto, ocorre o movimento no qual se produzem, simultaneamente, as criações e as destruições de formas. São duas Grades sendo formadas ao mesmo tempo: uma positiva e outra negativa.

Note-se que a resultante do processo representado por x é bem restrita se comparada ao todo do movimento. Ou seja, apesar de todo o trabalho que uma sessão requer, o resultado é sempre relativamente pequeno. E fica ainda menor, nulo ou negativo se os aspectos da Grade negativa não forem trabalhados.

Os *elementos C* são usados na *criação da analogia* utilizada para observar a transferência. No gráfico, o ponto a (arbitrário) representa o início do *estado mental criativo do analista*. O analista pode, nesse ponto, encontrar-se num estado mental sem memória e sem desejo, ou usando sua *capacidade negativa* para captar variáveis e invariantes até visualizar uma *conjunção constante*.

Quando decidimos dar uma interpretação, consideramos que a *conjunção constante* das variáveis de Y (o paciente) foi alcançada. Note-se que a atividade criativa decai bruscamente quando a analogia se transforma em uma interpretação.

Os *elementos C* fornecem, para a interpretação, uma âncora psicanalítica para a relação, na expectativa de impedir o aparecimento de uma Grade negativa. Todavia, isso nunca ocorre plenamente. A importância preferencial dada ao *vínculo* vai assinalar a opção pelo caminho do *crescimento*. O caminho será de *decadência* quando se opta pelos elementos vinculados. Os elementos estão sempre em divergência, por sua oposição radical de objetivos. Por exemplo, boca-seio precisa definir uma relação, mas se a importância dada à boca for maior que seio, ou vice-versa, teremos *degeneração*.

Bion (1977) dá o exemplo do paciente com gagueira, cujo crescimento ficou detido por conta da importância acentuada dada às funções fisiológicas (urinar e defecar), bem como da boca como um objeto que precisa estar sendo constantemente gratificado pela língua. A estreita faixa de objetos e possibilidades restringiu suas comunicações em geral e, conseqüentemente, seus vínculos.

O gago impõe restrição quando não consegue pronunciar as palavras, e aí se estabelece uma circularidade: ele não se sente entendido pelas pessoas e as pessoas não o entendem. Na análise, podemos observar diversas “gagueiras”. Além das verbais, podemos ter gagueiras visuais, auditivas, olfativas, institucionais e políticas.

A interpretação ou construção capaz de descrevê-las depende do *vínculo intuitivo* da dupla. Como esse vínculo se desenvolve pela *imaginação* do analista e pela capacidade para sonhar e escutar do analisando (*função alfa* de ambos os lados), ele é constantemente colocado em risco, tanto por ataques deliberados como por sua fragilidade essencial, e pela fadiga produzida pelos resultados escassos. Daí a necessidade de ser protegido e mantido. Como desenvolver essa proteção?

CAVEAT EMPTOR¹⁵

O objetivo metodológico da Grade é fornecer um aparelho de treinamento mental para avaliar o campo da relação analítica. Podemos fazer uma analogia com uma academia de ginástica mental, que procura deixar o analista com um bom preparo psíquico para enfrentar os desafios requeridos pelo seu trabalho. Também se compara a uma investigação arqueológica dos vestígios da configuração edípica presentes no material clínico. A vantagem é que pode ser praticada em privacidade - após a sessão - quando o analista não está sob pressão ou ataque do analisando.

Bion (1977) diz que esse preparo fica ainda mais fundamental quando temos que lidar com certos pacientes cujo padrão de comunicação encontra-se restrito a uma *estreita faixa de onda*. Neste caso, pouca opção tem o analista, pois ou o paciente sente que recebe a comunicação correta ou sente que não recebe nada. O analista é exigido a ser *preciso* na recepção da comunicação do analisando, o que pode

¹⁵ Expressão latina que, literalmente, significa “Cuidado, comprador”. Pode ser uma advertência, um aviso para considerar algo antes de qualquer ação ou uma afirmativa que limita uma generalização. Um pedido de particularização ou prudência, sendo esta última sendo uma ação ponderada, discutida, examinada. Diz Aristóteles que só deliberamos sobre o que é obra do homem o que está sujeito à mudança

requerer um receptor de longo alcance. Consegue-se isso pelo uso da *simetria*. Mas quais são os elementos que vamos escolher para dar qualidade à mesma? Uma das soluções está em captar e usar a linguagem das *emoções nas construções*, pois estas possuem uma *precisão* matemática.

Todavia, esses pacientes podem apresentar um grave problema, que é a dificuldade para sofrer a *dor psíquica*: eles sentem a dor, mas não a sofrem (Bion, 1970). Com isso, as emoções ficam vagas e se comunicam por generalizações crescentes ou particularizações decrescentes (uso de elementos beta).

Por exemplo, uma paciente usa uma série de fracassos em suas relações amorosas como prova de sua *onipotência*. Seu relato guia-se por uma certeza onipotente e onisciente do efeito destrutivo que tem sobre as pessoas. Ela generaliza: “Todas as minhas relações são assim”. Essa afirmativa não resiste a um exame detalhado, pois se trata de uma pessoa capaz, benquista, e bem-sucedida em seu trabalho. Por que essa cisão? E por que escolheu essa visão negativa, excluindo o restante?

A paciente se vê como uma pessoa frágil diante de suas emoções. Ela desenvolveu, ao longo da vida, “técnicas” para se defender dessa fragilidade. Em seu funcionamento psíquico, é possível descrever uma simetria fundamental de sua história, que podemos nomear de *solidão e dependência*. Entre um elemento e outro, a paciente colocou apenas fragilidade, e emprega contra ela métodos de fuga oniscientes. Como acrescentar outras opções a este espectro?

Em diversas sessões, foi possível observar que essa paciente precisa afastar o analista de seu poder destrutivo, estabelecendo com ele uma distância emocional segura. Ela tenta fazer isso usando um discurso pleno de generalizações que se expressa por uma fala monocórdia. Quase chega, com isso, a produzir sonolência no analista.

Ela discorre sobre assuntos teóricos de psicanálise, fala sobre a leitura de livros supostamente esclarecedores de seu problema. O analista fica, com isso, privado do elemento emocional que dará a precisão necessária a suas interpretações. Aqui podemos usar novamente a analogia do elefante perseguido um tigre. Uma

espécie de relação na qual o analista pode se sentir inadequado no papel de um predador pesado, lento e inadequado, pois tudo que diz não alcança a paciente. Ocorrem sessões onde o analista se sente, no final da mesma, pior analista do que era no início. Bion (1979) sugere que devemos acolher isso de outra forma, pensar de outra forma, buscar outros vértices e tentar tirar proveito de um mau negócio. Vejamos mais sobre isso.

Bion (1977) diz que experimentou essa mesma situação na sua forma mais aguda com o músico que exige o tom perfeito. Diz que também teve que lutar com isso num paciente cujo sentido visual lhe tornava impossível tolerar o mais leve desvio do que era, em sua opinião, a cor correta.

Bion (1977) indaga: tais fatos requerem que o analista não fique restrito à evidência produzida pela fala, mas deve ele ficar restrito à comunicação? Podemos aqui falar da pressão exercida pela *singularidade*. Por mais identidade que exista entre as pessoas, sempre existe um ponto em que a diferença exerce pressão e pode ser intolerável, dependendo da operação mental em curso.

Vou tentar exemplificar o que poderia ser feito pela paciente mencionada usando os conceitos de simetria no campo analítico.

Bion (1977) dá o exemplo da interpretação (como oposta à construção) da *onipotência*. Uma interpretação que apenas descreve sua conduta com o termo isolado é algo particularmente infeliz. Ela minimiza a *conjunção constante*¹⁶, que é a realidade frequentemente mal representada pelo termo solitário *onipotência*, ou mesmo pela sua visão simétrica, que é o *desamparo*. Torna-se necessário pensar num espectro que tem em um polo, a onipotência, e em outro o desamparo e ampliá-lo como espectro de captação usando um mito, ou um sonho, ou pensamentos selvagens.

¹⁶ *Constant conjunction* é um termo usado em filosofia como uma variante ou quase um sinônimo para causalidade e indução. Ela pode ser usada para contradizer uma frase comum: correlação não é causalidade. Frequentemente, foi associada com ou em constante concomitância pelo filósofo Hume, que usou a frase com grande regularidade em sua discussão dos limites do empirismo para fornecer uma explicação de suas ideias de causalidade e inferência.

Bion (1977) exemplifica a criação desse espectro com o uso da linguagem da *A morte de Palinurus*, trecho da *Eneida*. O trecho fornece uma *construção* melhor do que qualquer interpretação, pois permite estrategicamente delinear em conjunto os elementos associados quando o problema em questão é de onipotência/desamparo. Os termos são simétricos se entre eles houver uma ponte de *elementos C* fornecidos pelo relato artístico e mítico. Assim, o trecho da *Eneida* funciona como ativador da *imaginação* do analista no desenvolvimento de hipóteses e/ou analogias e conjecturas imaginativas:

Por exemplo: imaginemos a situação na qual Palinurus se encontra com o Deus Somnus (em latim, *Hypnos*) e eles travam um diálogo, uma tentativa de negociação. Imaginemos que o paciente fala como se fosse Palinurus, ou o Deus Somnus, ou outro personagem do texto. Vamos escutar quem fala sem esquecer que o analista pode também estar falando como um desses personagens.

Somnus – a onipotência – foi narcisicamente ferido pela contestação de Palinurus. Seu ódio vem à tona. É como se ele indagasse: quem é este arrogante humano que desafia um Deus com uma lógica diferente? Teria o Deus a lógica do fundamentalismo? Uma fúria contra quem pensa (os hereges ou infiéis)?

Um analista que está “amarrado” a uma teoria pode ser uma representação do Palinurus desamparado e amarrado ao timão. Ele pode estar amarrado a uma fidelidade teórica institucional. Dessa forma, pode fazer intervenções da natureza de uma *transformação em alucinação* (Bion, 1965) – o que simbolicamente pode representar matar o analisando ao agir também como o Deus Somnus.

Drogado pelo Deus do sono, Palinurus é atirado ao mar com fúria e ruído. Enéas, o capitão da frota, acorda e coloca em si mesmo o capacete de timoneiro, assumindo a tarefa. Inconsciente da influência do Deus Somnus, ele acusa Palinurus de complacência e negligência. O mesmo pode ocorrer com o analista que usa memória, desejo e necessidade de compreensão? O quão “drogado” se pode ficar quando esses elementos estão agindo no nosso estado mental?

Outro vértice que pode ser desenvolvido enfoca o uso de *mentiras*. Os pacientes podem mentir sobre sua situação na análise. Comparemos isso com Somnus mentindo para Palinurus: a intenção do deus (onipotência e onisciência) de usar um disfarce para seduzir era tomar o controle do barco. O mentiroso fornece material para fantasias de onipotência porque, ao invés de falar a verdade, ele simplesmente não registra a história – ele faz algo no lugar de registrar. Registrar, falar a verdade é, para o mentiroso, meramente uma insignificante engrenagem na totalidade de uma máquina¹⁷.

Investigar o uso das mentiras na análise quando tudo parece muito calmo é sempre prudente. O mentiroso faz transformações em alucinação tendo como lema *As ações são superiores às palavras*. Essas ações costumam disparar situações decorrentes da imaturidade da personalidade. Penso que podemos tentar não nos enganar com o fato de que quando o mentiroso relata algo, ele está na verdade agindo.

O indivíduo imaturo pode agir prematuramente, sem prudência em suas ações - a contrapartida é sua dificuldade para aceitar a vida real, pois a frustração é uma característica essencial da vida real. Ele pode tentar evitar a vida real recorrendo a mentiras - ou usar drogas.

A frustração também é uma característica da análise. No mínimo, a frustração da ação. A sugestão da análise é que se deve pensar primeiro para agir depois. Mas isso se choca com o mentiroso e drogadicto.

A conjugação constante *intolerância à frustração*, alimentada por *ambição*, pode perpetuar um ciclo onde o pensamento é substituído por *onipotência*. Quando se perde o pé na realidade, a frustração aumenta, tirando a oportunidade que a personalidade tem de obter moderação pelo pensar. Esse ciclo empurra em direção à violência, roubo, corrupção, fraude, falta de caráter, e assassinato. Podemos colocar essas ações como provenientes de tipos diferentes de superego, visíveis em

¹⁷ Com efeito, isso significa que na personalidade na qual a *intolerância à frustração* coexiste com *grande ambição*, a *voracidade* tende a dominar, e o “resultado” domina com voracidade.

um *espectro de possibilidades* que começa com o superego assassino num extremo e vai até superego social¹⁸ no outro extremo.

Bion (1977) considera que o termo “onipotência”, utilizado numa “construção”, é muito abstrato para dar uma ideia da realidade que os analistas podem ter que evidenciar. Onipotência, onisciência e Deus, junto com os elementos simétricos desamparo, incompreensão e agnosticismo, são afirmações ainda muito abstratas. Mais uma vez, a questão é encontrar uma *versão C* desses elementos, uma formulação visual dos mesmos que, ao constituir um espectro de simetrias, atue como um sonhar (função alfa).

São incontáveis os termos *simétricos* que fazem parte da análise e que se mantêm carentes de uma *versão elementos C* para que se possa elaborá-los.

Vou sugerir mais alguns além dos mencionados por Bion, para com eles tentar uma *versão elementos C* que possa ser útil na análise:

Anorexia -----	Alegria de viver
Escolha flexível -----	Autocrítica rígida
Contenção -----	Capacidade de perda
Segurança -----	Liberdade
Exagero -----	Moderação
Identidade -----	Dispersão
Impaciência -----	Resignação
Superficialidade -----	Intimidade
Generosidade -----	Voracidade
Prazer estético -----	Melancolia
Grandiosidade -----	Masturbação
Intriga -----	Fobia
Inibição-----	teatralização

Como encontrar construções que sejam adequadas ao paciente que nos apresenta uma das possibilidades acima? Além do mais, temos que considerar que existe um *tipo de falha da função alfa* que está implícita em cada uma dessas possibilidades simétricas. Este fator torna o trabalho ainda mais difícil, pois exige constante criação.

¹⁸ Espectro de superegos: Assassino<->ladrão ----- (parasitário) ----- violento ----- (simbiótico) ----- repressor ----- social (comensal).

Não obstante, as falhas, as quais se relacionam com estados mentais muito primitivos, precisam ser reveladas pelo trabalho analítico. O analista pode estar preparado, ou pelo menos, tê-los em mente como possibilidades para formular observações que façam essa *ponte* entre um *estado pré-natal* (intuição) e um estado de mente *pós-natal* (*imaginação*).

CONCLUSÃO

Finalizo com uma reflexão inspirada pelo poema de Frost. Pode ser próximo da verdade que existe um corolário, talvez silencioso, talvez persistente, sem palavras muito efusivas: aqueles que se dedicam à psicanálise - que podem e puderam experimentar o seu processo e que passam muitas e muitas vezes pelas portas de um consultório, indo e vindo, além de dedicar incontáveis horas estudando diversos temas, talvez possam, por isso, erguer uma pequena luz numa floresta outonal de seus analisandos – onde duas estradas aparecem – e fazer uma boa escolha. E isso vai fazer toda a diferença.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1997). *Two papers: the grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1983). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1987). Making the best of a bad job. In: Bion, W. R. *Clinical seminars and four papers*. Abingdon: Fleetwood Press.
- Chuster, A. (1989). *Um resgate da originalidade - As questões essenciais da psicanálise em W. R. Bion*. Rio de Janeiro: Degrau Cultural.
- Chuster, A. (1999). *W. R. Bion - Novas leituras* (Vol. I). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2001). *W. R. Bion - Novas leituras* (Vol. II). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2014). *A lonesome road - Essays on the complexity of Bion's work*. Rio de Janeiro: Trio Studios.
- Chuster, A. (2014). *W. R. Bion: a obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.
- Frost, R. (2015). *The road not taken and other poems*. New York: Penguin.
- Gide, A. (1985). *Córidon*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Orr, D. (2016). *The road not taken*. New York: Penguin.